

Concordância Verbal

1. No texto ocorre a concordância entre o verbo e seu sujeito passivo, exceto em:
 - a) Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre (terceiro parágrafo).
 - b) Cita-se com frequência o lado... (primeiro parágrafo).
 - c) ...que se ensinava a mecânica... (primeiro parágrafo).
 - d) ...de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos (segundo parágrafo).
 - e) ...no qual se possa buscar inspiração...(quinto parágrafo).

2. Todas as alternativas apresentam concordância correta, de acordo com a norma padrão, exceto:
 - a) "Formulaste depois o raciocínio: houve roubo".
Formulaste depois o raciocínio: houveram sonhos.
 - b) "A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta."
A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiram-se duas bestas.
 - c) "(...) entretanto, essas criações voltam a existir porque soubeste descrevê-las."
(...) entretanto, essa criação volta a existir porque soubeste descrevê-la.
 - d) "Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita..."
Não há, sobretudo, esses amores à tarefa bem-feita...
 - e) "Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida".
Não há, sobretudo, esses amores à tarefa bem-feita, que se podem manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

3. Assinale a alternativa incorreta.
 - a) Em "Fazia um pouco mais que manhã", o verbo fazer é impessoal e não equivale, gramaticalmente, ao verbo haver em "Havia-se passado uma semana desde então".
 - b) O significado de fazer corresponde em "Fazia um pouco mais que manhã", ao significado de ser ou estar em "Era pouco mais de meio-dia" ou "Estava uma tarde ensolarada".
 - c) É correto dizer "Haviam-se formado dois grupos contrários", assim como "Devem haver dois grupos contrários em formação".
 - d) São igualmente corretas as formas "Fazia anos que ela esperava" e "Eram anos de espera".
 - e) Estão corretas as formas verbais em "até há bem pouco tempo, existiam senadores com cara de vitória-régia".

4. As descontroladas
As primeiras mulheres que passaram na calçada da Rio Branco chamavam-se melindrosas. Eram um tanto afetadas, com seu vestido de cintura baixa e longas franjas, mas a julgar por uma caricatura célebre de J. Carlos tinham sempre uma multidão de almofadinhas correndo atrás. O mundo, cem anos depois, mudou pouco no essencial. Diz-se agora que o homem "corre atrás do prejuízo". De resto, porém, a versão nacional do assim caminha a humanidade segue o mesmo cortejo de sempre pela Rio Branco — com o detalhe que as

mulheres trocaram as franjas pelo cós baixo da calça da Gang. E, evidentemente, não são mais chamadas de melindrosas.

Elas já atenderam por vários nomes. Uma “uva” era aquela que, de tão suculenta e bem-feita de curvas, devia abrir as folhas de sua parreira e deliciar os machos com a eternidade de sua sombra. Há cem anos as mulheres que circulam pela Rio Branco já foram chamadas de tudo e, diga-se a bem da verdade, algumas atenderam. Por aqui passou o “broto”, o “avião”, o “violão”, a “certinha”, o “pedaço”, a “deusa”, a “boazuda”, o “pitêu”, a “gata” e tantas outras que podem não estar mais no mapa, como as mulatas do Sargentelli, mas já estão no Houaiss eletrônico. Houve um momento que, de tão belas, chegaram a ficar perigosas. Chamavam-nas “pedaço de mau caminho” ou “chave de cadeia”. Algumas, de carne tão tenra, eram “frangas”.

Havia, de um modo geral, um louvor respeitoso na identificação de cada um desses tipos que sucederam as melindrosas. Gosto de lembrar daquela, ali pelo início dos 60, que era um “suco”. Talvez porque sucedesse o tipo de “uva” e fosse tão aperfeiçoada no inevitável processo de evolução da espécie que já viesse sem casca e, principalmente, sem os caroços. Sempre prontinhas para beber. De uns tempos para cá, quando se pensava que na esquina surgiria um vinho de safra especial, a coisa avinagrou. As mulheres ficam cada vez mais lindas mas os homens, na hora de homenageá-las, inventam rótulos de carinho duvidoso. O “broto”, o “violão” e o “pitêu” na versão arroba ponto com 2000 era a “popozuda”. Depois, software 2001, veio a “cachorra”, a “sarada”.

Pasmem: era elogio. Algumas continuavam atendendo.

Agora está entrando em cena, perfilada num funk do grupo As Panteras — um rótulo que, a propósito, notou a evolução das “gatas” —, a mulher do tipo “descontrolada”. (...). Não é exatamente o que o almofadinha lá do início diria no encaminhamento do eterno processo sedutivo, mas, afinal, homem nenhum também carrega mais almofadas para se sentar no bonde. Sequer bondes há. Já fomos “pães”. Muito doce, não pegou. Somos todos lamentáveis “tigrões” em nossa triste sina de matar um leão por dia.

Elas mereciam verbetes melhores, que se lhes ajustassem perfeitos, redondos, como a tal calça da Gang. A língua das ruas anda avacalhando com as nossas “minas”, para usar a última expressão em que as mulheres foram saudadas com delicadeza e exatidão — dentro da mina, afinal, cabe tanto a pepita de ouro como a cavidade que se enche de pólvora para explodir e destruir tudo o que estiver em cima.

A deusa da nossa rua, que sempre pisou os astros distraída, não passa hoje de “tchutchuca marombada” ou “popozuda descontrolada”. É pouco para quem caminha nas pedrinhas portuguesas como se São Pedro fosse sobre as águas bíblicas. Algumas delas, uvas do vinho sagrado, santas apenas no aguardo da beatificação vaticana, provocando ainda maior alvoroço, alumbramento e estupefação dos sentidos.

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS. *O que as mulheres procuram na bolsa: crônicas*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Observe os verbos sublinhados nas passagens abaixo, todos no singular:

Há cem anos as mulheres que circulam pela Rio Branco já foram chamadas de tudo (l. 10)

Sequer bondes há. (l. 29)

Por aqui passou o “broto”, o “avião”, (...) e tantas outras que podem não estar mais no mapa, (l. 11-13)

dentro da mina, afinal, cabe tanto a pepita de ouro como a cavidade que se enche de pólvora (l. 33-34)

Explique, com base nas regras de concordância da norma padrão, por que, nesses exemplos, o verbo haver fica sempre no singular, e por que passar e caber poderiam estar no plural: passaram e cabem.

5. “Disse o sabiá à flauta:

Eu, tu e o artista ... de modo diferente; mas o artista e tu ... de modo igual. Portanto, entre ... e ... há uma grande diferença”.

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do hipotético texto acima.

- a) cantam, cantais, mim, tu
- b) cantemos, cantam, eu, ti
- c) cantamos, cantas, eu, ti
- d) cantamos, cantais, mim, ti
- e) cantais, cantam, eu, você

Gabarito

1. D
2. A
3. C
4. Ao exprimir tempo transcorrido, o verbo "haver" é impessoal, ou seja, não tem sujeito, e se usa na terceira pessoa do singular, como ocorre na primeira passagem. Os verbos “passar” e “caber”, no entanto, são pessoais e ocorrem no singular ou no plural, concordando com o respectivo sujeito. Quando este vem posposto, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo, como visto na outras passagens.
5. D